

# **O livro, a biblioteca e leitura: conhecer o passado para entender a (r) evolução tecnológica**

**Lucia Lima do Nascimento** (UFAL) - lulinas1@gmail.com

**Valdir Batista Pinto** (UFAL) - valhalla78@hotmail.com

**Helena Cristina Pimentel do Vale** (UFAL) - hcpimentel@uol.com.br

## **Resumo:**

*Esse artigo busca fornecer um breve relato sobre a evolução do livro, da biblioteca e da leitura. Uma viagem através do tempo demonstrando como o ser humano chegou ao século XXI em sua eterna busca pelo conhecimento. Fundamentamos esse texto com pesquisas em livros e sites, apresentando uma visão mundial e histórica, não aprofundando nas bibliotecas, livros e leitores brasileiros. Entender a origem do registro do conhecimento até chegar à tecnologia, observando as ligações entre passado e presente.*

**Palavras-chave:** *Leitura. Livro. Biblioteca. Hipertexto. Direitos autorais*

**Área temática:** *Temática I: Tecnologias de informação e comunicação - um passo a frente*

## **O livro, a biblioteca e leitura: conhecer o passado para entender a (r) evolução tecnológica**

### **Resumo**

Esse artigo busca fornecer um breve relato sobre a evolução do livro, da biblioteca e da leitura. Uma viagem através do tempo demonstrando como o ser humano chegou ao século XXI em sua eterna busca pelo conhecimento. Fundamentamos esse texto com pesquisas em livros e sites, apresentando uma visão mundial e histórica, não aprofundando nas bibliotecas, livros e leitores brasileiros. Entender a origem do registro do conhecimento até chegar à tecnologia, observando as ligações entre passado e presente.

**Palavras chaves:** Leitura. Livro. Biblioteca. Hipertexto. Direitos autorais.

**Área Temática:** Tecnologias de informação e comunicação – um passo a frente.

### **1 - Introdução**

A História do livro, da biblioteca e da leitura se interligam através do tempo com a História da humanidade, do conhecimento e da educação.

Sendo o artigo um texto curto, será apenas possível um breve relato dessa História, mas através das referências o leitor tem como se aprofundar no assunto e buscar leituras mais completas. De forma breve apresentamos o percurso do livro, da biblioteca e da leitura.

O ser humano descobriu que não bastava a memória para armazenar e passar sua cultura para seus descendentes, pois na oralidade fatos podem ser alterados. Desde a pré-história, o homem de neanderthal aprendeu a pintar nas paredes das grutas, passou pelas artes e a escrita foi se aperfeiçoando até o nosso alfabeto contemporâneo. Das pinturas rupestres até o hipertexto, vemos a necessidade humana para armazenar o que aprende. O livro que já passou por tantas alterações, hoje visualiza mais uma: o livro eletrônico.

Para armazenar tanta História foram criadas as bibliotecas, símbolo das revoluções e depósito de livros. E o homem segue lendo através da história do mundo, lendo imagens, lendo arte, lendo livros. Surgem novas tecnologias, mas é imprescindível conhecer a nossa evolução e a nossa história.

### **2 - Dos gráficos rupestres ao hipertexto**

A habilidade para o desenho surgiu no período de 30.000 à 25.000 a.C.. Os

homens na Idade da Pedra usavam argila úmida e com os dedos retratavam nas cavernas acontecimentos do dia a dia como a caça e animais correndo, saltando e enfrentando caçadores. Graças a essas pinturas o homem contemporâneo pôde conhecer a sua origem.

O homem começou a escrever nas paredes das cavernas, passou para as tábuas de argila com a escrita cuneiforme: “A escrita cuneiforme tira o seu nome [...] do aspecto exterior dos sinais, que se apresentam em formas de cunhas. [...] A página era [...] cozida no forno, como uma telha comum” (MARTINS, W., 1998, p. 43-44). A escrita cuneiforme surgiu na Babilônia, em meados do quarto milênio a.C..

Na Mesopotâmia, Assurbanipal II, que governou a Assíria no século VII a.C. organizou na cidade de Nínive uma biblioteca com cerca de 25 mil placas. Possuía profecias, fórmulas de encantamentos, hinos sagrados e peças literárias, escritas em assírio, sumério, acádio, ugarítico e aramaico. Cerca de 30.000 tábuas gravadas em cuneiforme foram catalogadas sob o reinado de Assurbanipal.

Das paredes até as tábuas de argila, o homem aperfeiçoou os suportes da escrita para os papiros e pergaminhos.

O homem já empregou, e continua empregando, na escrita materiais provenientes dos três reinos da natureza. O reino mineral já lhe forneceu a pedra [...] e os metais aos quais se confiam os textos importantes ou tocados de sacralidade. [...] Do reino vegetal, a madeira [...] foi a primeira a ser empregada na escrita. Os egípcios a usavam desde tempos imemoriais. [...] Folhas de palmeiras ou de oliveiras, panos, papiro (MARTINS, W., 1998, p. 59-60).

Da Grécia, berço da civilização, surgiu a mais famosa biblioteca da História: Alexandria. A mais importante biblioteca da Grécia Antiga foi fundada em 295 a. C., aproximadamente, por Ptolomeu I.

As letras, “foram inventadas para que possamos conversar até mesmo com o ausente, são os signos de sons” (MANGUEL, 1997, p. 61).

As bibliotecas de Alexandria estavam repletas de rolos de papiro, uma espécie de junco abundante nas margens do Nilo. Comparado a argila o papiro é frágil e difícil de preservar. Em compensação a escrita era mais fácil e ágil.

Os livros dos que visitavam a cidade eram confiscados, copiados para a biblioteca (quando os originais não ficavam retidos) e adornados com uma etiqueta em que se lia “dos navios”. Para impedir o crescimento de Rodas e de Pérgamo, foi proibida a exportação do papiro. Pérgamo inventou o pergaminho, mais resistente e

viria a ser o suporte preferido para a escrita durante os próximos mil anos.

O grande estoque de livros reunidos em Alexandria definiu uma nova concepção a respeito do conhecimento, visto agora como um bem, uma mercadoria, uma forma de capital a ser adquirido e entesourado.

O destino reservado às bibliotecas de Alexandria não teve nada de grandioso. Foram definhando aos poucos, séculos após século. Os rolos foram danificados pela umidade e aridez, devorados pela fauna e flora daninhas, roubados, perdidos e queimados. Substituídos por escritos dos padres e doutores da Igreja.

A destruição da biblioteca de Alexandria é um acontecimento de consequências incalculáveis. Sepultando para sempre a esmagadora maioria das obras da Antiguidade clássica, o incêndio da Biblioteca de Alexandria constitui um dos mais dramáticos acontecimentos de toda a História da cultura.

O papiro surgiu no Egito e sua escrita era o *hieróglifo*, considerado uma invenção de Thot, deus da sabedoria. A palavra hieróglifo vem do grego *hieros*, sagrado, e *gluphein*, gravar. Os escribas egípcios utilizavam tinta preta para o texto em geral e tinta vermelha para as palavras iniciais dos parágrafos. A tinta preta era feita com negro de fumo ou carvão de madeira dissolvidos numa solução de goma vegetal. A vermelha resulta de óxido de ferro. O uso da tinta vermelha para as iniciais teve continuidade com os gregos e os romanos e durante a Idade Média.

A escrita hieroglífica utilizava imagens para representar objetos concretos e, para representar idéias abstratas, empregava o princípio do rébus, que consistia em decompor as palavras em sons e representar cada som por uma imagem.

A palavra *biblioteca*, de origem grega, pode ser traduzida como *depósito de livros*. Realmente, foi inicialmente imaginada para armazenar grandes ou pequenas quantidades de livros, placas de argilas, papiros ou pergaminhos. Somente séculos depois foi reconhecida como disseminadora da informação. No início, as bibliotecas eram para poucos, como o era saber ler e escrever.

A leitura trás conhecimento, mostra caminhos, ensina, ajuda a interpretação de mundo. Desde a antiguidade o livro é sinônimo de poder, de autoridade. Sem leitura o homem se torna submisso e fraco, ignorante. E desde os primórdios foi assim e o é até hoje. Como símbolo do aprendizado, as revoluções atacavam

primeiro as bibliotecas. Milhares de livros foram destruídos em guerras e revoltas tentando impedir o avanço intelectual dos povos dominados. A barreira da leitura, do decifrar letras foi e ainda é um símbolo de poder.

As primeiras bibliotecas não podiam pegar fogo, pois armazenavam placas de argila. O rol das bibliotecas destruídas em diferentes países ocupados pelas tropas nazistas é extenso. 100 milhões de livros fizeram companhia a 6 milhões de seres humanos nas chamas do Holocausto.

As funções da biblioteca variam ao longo do tempo e do espaço, sempre refletindo as necessidades das civilizações. Algumas representam a memória coletiva, outras, a possibilidade do desenvolvimento individual, outras ainda são exemplos do monopólio de informação e educação engendrado pela elite (BATTLES, 2003).

Um dos livros ou talvez o livro mais importante e até hoje o mais conhecido em todo o mundo é a Bíblia. Nela temos todo o fundamento da religião cristã. Dividida em Antigo e Novo Testamento, influencia na própria divisão da história em antes e depois de Cristo.

O Antigo Testamento veio sendo composto desde os primórdios do II milênio a. C.. Primeiro na tradição oral, depois ao longo de 1.000 anos pela pena de diferentes autores que passaram para os rolos de pergaminhos os preceitos que regulavam a vida moral, social e religiosa do povo. Primeiro escrito em hebraico e depois em aramaico. O Novo Testamento, conjunto de 27 livros, escritos a partir do ano 50 d.C.. Consiste em [Evangelhos](#) (em grego boa nova): Mateus, Marcos, Lucas e João. [Atos dos apóstolos](#) – escrito entre os anos 62 e 63 d. C. por Lucas. [Epístolas](#) - Cartas de Paulo. [Apocalipse](#) – cuja autoria é atribuída ao apóstolo João.

Entre os primeiros suportes de escrita, mais próximos do papel, está o bambu, usado pelos chineses no III milênio a.C.. Também foram os chineses que inventaram o papel no ano 105 da era cristã. Era fabricado com entrecasca de aroeira e bambu e restos de produtos feitos com fibras vegetais. A referência mais antiga da imprensa foi a xilogravura na China que está num decreto imperial do ano 593 d. C..

A xilogravura é um processo de gravação em relevo que utiliza a madeira como matriz e possibilita a reprodução da imagem gravada sobre papel ou outro suporte adequado. A xilogravura já era conhecida dos egípcios, indianos e persas, que a usavam para a estampagem de tecidos. Mais tarde, foi utilizada como carimbo sobre folhas de papel para a impressão de orações budistas na China e no Japão. No

Brasil, a xilogravura chega com a mudança da Família Real portuguesa para o Rio de Janeiro.

A Grécia antiga e posteriormente Roma são considerados o berço da civilização, da democracia e da cultura para a humanidade. Na Grécia escreviam da direita para a esquerda. No século VI a. C. passaram a escrever alternadamente da esquerda para a direita e da direita para a esquerda. A partir de 500 a. C. passa a ser da esquerda para a direita. Os gregos usaram pergaminho, papiro, tabuinhas encerada e óstracos (cacos de cerâmica). Em Roma também se usava papiro, tabuinhas enceradas e pergaminhos. II a. C. aparece o códice (codex), livro quadrado, feito com pergaminho, com uma costura que unia as folhas e aceitava escrita dos dois lados.

Chegando à Idade Média, temos grandes bibliotecas, infelizmente restritas a poucos. A leitura continuava também restrita a poucos. O livro era praticamente uma exclusividade da Igreja, todas as grandes abadias possuíam um *scriptorium*, onde eram confeccionados os manuscritos, desde a preparação do pergaminho até às ilustrações, que tinham fundamental importância, tanto como elemento decorativo como para representar graficamente os textos.

A cópia nos mosteiros da Idade Média estava incluída entre os principais deveres dos monges, pois era considerado um exercício espiritual, utilizado para aprimorar suas virtudes e realçar seus merecimentos sobrenaturais.

[...]nem todas as verdades são para todos os ouvidos, nem todas as mentiras podem ser reconhecidas como tais por um espírito piedoso, e os monges, enfim, estão no scriptorium para levar a cabo uma obra precisa, para a qual devem ler certos volumes e não outros, e não para seguir qualquer insensata curiosidade que os colhe, quer por debilidade da mente, quer por soberba, quer por sugestão diabólica (ECO, 1984, p.41).

Um monge conhecido por *armarius* ou *bibliothecarius* organizava as atividades. "Os monges em atividade nos scriptoria comunicavam-se por meio de sinais. Até hoje as bibliotecas são consideradas locais de silêncio, concentração e estudo. Há algum tempo essa imagem vem se desfazendo, para que a biblioteca se torne um local de prazer e não castigo. A imagem do bibliotecário pedindo silêncio se modificou no profissional preocupado com o interesse do usuário.

Apesar da xilogravura na China, a invenção da imprensa propriamente dita, nos leva a Gutemberg, que aprimorou a prensa a partir da tipografia. O primeiro livro

impresso foi a Bíblia de 42 linhas, concluída em 1456 possuía 42 linhas em cada uma de suas colunas, na maior parte das páginas, que são 1282, impressas em letra gótica. É conhecida por *Bíblia Mazarina*, porque foi na biblioteca do cardeal Mazarino, em Paris, que foi descoberta no século XVIII.

Com a prensa, o livro começou a ser difundido e se popularizar,

Na medida em que certas cidades se mostravam especialmente receptivas, o agente [comerciante] a ela retomava amiúde, acabando, não raro, por ali se instalar com uma loja, por sua conta ou do editor seu patrão, onde, além de vender livros, ia vender papel, pergaminho, tinta, e fazer encadernações. Os grandes editores, naturalmente, logo procurem as grandes capitais (CAMPOS, 1994).

E o livro impresso se multiplicou e chegou até o nosso século. Apesar desse tão longo percurso onde livros e bibliotecas foram incendiados, roubados, depredados, o conhecimento sobrevive. Com as novas tecnologias, os suportes também avançaram. O leitor contemporâneo pode escolher se lê no papel ou na tela do computador.

No século XIX, ouvia-se falar em livro eletrônico apenas em obras de ficção científica. Mais recentemente, digamos nos anos 80, também parecia distante o computador e a internet se popularizar, facilitando a leitura e a comunicação. O texto eletrônico era visto como um suporte que mantinha certa distância do leitor, ao mesmo tempo, considerado universal, pois permite vários leitores ao mesmo tempo. Ao contrário dos livros impressos que precisam passar de mão em mão, de um leitor para outro. Pode-se dizer que o texto no espaço virtual perde a densidade, todavia concede maior distração na leitura frente aos inúmeros *links* que o texto pode apresentar. Na verdade, o texto postado na internet constrói-se sob a concepção de um hipertexto.

Atualmente, os termos livro eletrônico, biblioteca virtual, hipertexto, que pareciam ser específicos das obras de ficção científica, tomaram forma e espaço. O livro não foi substituído, ao contrário, recebeu uma parceria com a internet. O escritor substituiu a máquina de datilografar pelo computador. Com a popularidade da internet surgiu o hipertexto, o texto digital.

A tela do computador é uma nova máquina de ler. Os textos virtuais são acessíveis a vários leitores ao mesmo tempo podendo ser chamado de *escrita-leitura coletiva*. A virtualização faz parte da evolução humana, das mudanças através

do tempo. A humanidade não pára de criar e avançar. É lamentável o que poderia ser utilizado para divulgar o conhecimento e complementar a educação, é utilizado por alguns com propósitos irresponsáveis e até mesmo criminosos. O computador é uma máquina criada para servir a humanidade, cabe a quem a utiliza decidir.

A indústria literária pôde se aliar ao mundo virtual. Mesmo com a aquisição dos arquivos dos livros postados em sites, através dos famosos **downloads**, não se extinguiu o livro da editora. Autores e editores divulgam trechos de suas obras na internet antecipando o lançamento e com isso aguçam a curiosidade do leitor e garantem as futuras vendas. O mundo virtual é a continuidade dos livros, um novo suporte para a literatura e o conhecimento que já passou por tantas (r)evoluções. Os livros não irão desaparecer como os pergaminhos no incêndio da Biblioteca de Alexandria. Observamos que todo esse processo é a evolução ou a revolução do saber e da ficção.

[...] a verdadeira questão não é ser contra ou a favor, mas sim reconhecer as mudanças qualitativas na ecologia dos signos, o ambiente inédito que resulta da extensão das novas redes de comunicação para a vida social e cultural. Apenas dessa forma seremos capazes de desenvolver estas novas tecnologias dentro de uma perspectiva humanista (LÉVY, 2000, p.12).

Com a alta circulação de documentos em papel, muitas empresas têm problemas de administração, compartilhamento e armazenamento desses documentos. Os livros e documentos que na Idade Média eram *copiados* no século XXI são digitalizados. As imagens e documentos eletrônicos podem ser gravados em: CDs e/ou DVDs já com os dados de índices e um visualizador para pesquisa diretamente na mídia; gravadas em servidores da iDOC, permitindo sua pesquisa diretamente pela Web. Tendo como benefícios: integração, controle, rapidez, segurança e qualidade; imagens nítidas e de tamanho reduzido; qualidade nos índices dos documentos; segurança no armazenamento; serviço eficiente e rápido.

### **3 – A propriedade intelectual**

Com essa grande quantidade de informação e suportes, temos uma facilidade para a cópia e para o plágio. Para uma proteção aos verdadeiros escritores existe o direito autoral.



Praticamente tudo em que encostamos, usamos ou simplesmente vemos ou até mesmo ingerimos está direta ou indiretamente protegido pelo que se convencionou chamar de propriedade intelectual. (PARANAGUÁ, 2008, p.123)

Ao pensar na produção intelectual humana, pode-se verificar que, apenas no século XVI, com a invenção da imprensa por Gutenberg, observa-se o surgimento da necessidade de construção de algum tipo de proteção para os investimentos a serem feitos na produção de livros. A proteção autoral, no princípio, foi concebida como “privilégios” concedidos pelos monarcas aos editores. Foi na entrada do século XVIII, na Inglaterra – que ocupava naquele momento posição privilegiada na Europa e era o país mais avançado nos aspectos político, econômico e social –, que foi adotada a primeira lei com as características do que conhecemos hoje como **direito autoral**, isto é, o direito dos autores sobre suas criações artísticas, literárias e científicas. Criado em 1709, e tendo entrado em vigor em 1717, o Estatuto Anne ou **Copyright Act** reflete uma mudança na forma de entender o tema e o foco da regulação.

A cultura escrita é inseparável dos gestos violentos que a reprimem. Antes mesmo que fosse reconhecido o direito do autor sobre sua obra, a primeira afirmação de sua identidade estava ligada à censura e a interdição dos textos tidos como subversivos pelas autoridades religiosas ou políticas (CHARTIER, 1999, p. 49).

Copyright significa as denominações utilizadas em referência à reserva todos os direitos aos autores de suas obras intelectuais que pode ser literárias, artísticas ou científicas e coíbe usos e cópias não autorizadas. Direito legal de propriedade de um texto, frase, livro, obra de arte, música ou qualquer outra forma de expressão. Tem como princípio o copyleft – uma contraposição clara ao copyright -, e prega a difusão do trabalho criativo e o livre direito de reprodução, entre outras premissas.

### **3- Considerações finais**

Todos os temas que abordamos nesse artigo estão interligados naturalmente e são dependentes entre si. Como imaginar um leitor sem a biblioteca ou a biblioteca sem o livro? Através dos séculos o homem criou e destruiu sua própria história. Também o próprio homem reconstruiu, estudou e transformou todo o conhecimento

que temos. Conhecendo um pouco do longo caminho que a escrita percorreu desde as imagens nas cavernas até o hipertexto, aprende-se a valorizar não apenas a tecnologia, mas a evolução que foi necessária para chegar ao século XXI. Se observarmos o equipamento usado na digitalização veremos claramente uma influência da prensa de Gutemberg. Sem os monges copistas dedicando uma vida inteira as cópias de manuscritos não poderíamos ler hoje Aristóteles nem a própria Bíblia. O ser humano passou da oralidade para a escrita, das cavernas para o papel e agora para a tela do computador. As bibliotecas já foram queimadas, saqueadas e continuam sobrevivendo, mesmo sendo consideradas ainda por alguns como um “depósito de livros”, como foi descrita pelos gregos.

Precisamos entender que para chegar ao computador tão popular foi um longo percurso. E é através da leitura que o ser humano se conhece e se reconhece, aprende, ensina e compreende. A leitura pode ser virtual ou física. Um livro, um quadro, uma peça, um filme, o livro eletrônico e a Bíblia de papel.

## REFERÊNCIAS

BATTLES, Matthew. **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.

CAMPOS, Arnaldo. **Breve história do livro**. Porto Alegre: Mercado aberto/ Instituto estadual do livro, 1994.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora Unesp, 1999. 160 p.

ECO, Umberto. **O nome da rosa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984. 562 p.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual**. São Paulo, Editora 34, 1996.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo, Companhia das letras, 1997.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. São Paulo, Ática, 1998.

PARANAGUÁ, Pedro, BRANCO, Sérgio. **Direitos autorais**. Rio de Janeiro, FGV, 2009. Disponível em: <http://www.idoc.inf.br/ddocumentos.php>. Acesso em 01/12/2009.